

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**10.639/03 E 11.645/08:
REORIENTAÇÕES CURRICULARES
NUMA ESCOLA MUNICIPAL**

Belo Horizonte

2012

Marlene das Dores do Carmo

**10.639/03 E 11.645/08:
REORIENTAÇÕES CURRICULARES
NUMA ESCOLA MUNICIPAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica.

Orientador: Professor José Raimundo L. da Costa

Belo Horizonte

2012

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica.

Aprovado em julho de 2012

BANCA EXAMINADORA

José Raimundo L. da Costa – Faculdade de Educação da UFMG

CONVIDADO

Dedico este trabalho à minha família, que sempre me apoiou; a Luis Vianna grande amor e companheiro de todas as horas; aos meus companheiros da Associação Ébano - Movimento de Consciência Negra de Nova Lima, que me ensinaram o caminho da militância; aos meus colegas de curso que se tornaram amigos, a Iara e aos alunos das escolas Municipais César Rodrigues e Pedro Nava, que são os principais motivos da minha dedicação.

Á todos; minha admiração, respeito e amor.

A consciência humana já não aceita mais imprimir às desigualdades raciais um tom superficial. Aprofundar o debate interno dentro de nós mesmos é um passo importante demais, é a consciência de cada um que se expande para o coletivo. E quando isso é compartilhado, a sociedade também aprofunda o debate e o resultado é o bem do coletivo.

(Estatuto da Igualdade Racial)

RESUMO

Levando em consideração que estamos vivendo o contexto de busca pela implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/08, visando à valorização da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena; o trabalho apresentado pretende discutir a relevância do cumprimento destas e o fundamental papel do currículo, que se materializa na proposta pedagógica da instituição, subsidiando o trabalho docente. A abordagem visa a análise da estrutura e da função do currículo como elemento imprescindível ao processo de promoção da igualdade racial no ambiente escolar. A metodologia traça um caminho entre debates, cursos de formação e atividades práticas. Buscamos apresentar algumas reflexões acerca das questões étnico-raciais, sua relevância no âmbito educacional e social. O foco é a constituição da identidade da criança negra na escola. Pode o currículo, potencializar o fortalecimento de uma educação pautada no respeito à diversidade étnica e o reconhecimento da importância do continente africano na construção da história da humanidade? Como resultado, pretende-se contribuir para o debate a respeito destas questões, assim superando o racismo no espaço escolar. O cenário é a Escola Municipal Pedro Nava e para estas ações, contou-se com o envolvimento de toda a equipe pedagógica.

Palavras-chave: Reorientação curricular, Leis, igualdade racial, escola

ABSTRACT

Taking into consideration that we are living the context of seeking the implementation of Law 10.639/2003 e 11.645/2008, seeking the recovery of history and culture african-brazilian, African and indigenous , the paper presented here aims discuss the importance of compliance with these and the fundamental role of the curriculum, which is embodied in the proposed educational institution, providing the teaching. The approach aims at analyzing the structure and function of the curriculum as an essential element to the process of promoting racial equality in the environment school. The methodology outlines a path between debates, training courses and practical activities. We seek to present some reflections on the ethnic and racial issues, its relevance in educational and social. The focus is to establish the identity of black children in school. Can the curriculum, enhance the strength of an education based on respect for ethnic diversity and the growing importance of Africa in the construction of human history? As a result, we intend to contribute to the debate on these issues, thus overcoming racism in the school. The setting is the School District and Pedro Nava for these actions, relied on the involvement of the entire teaching staff.

Keywords: Re-curricular, Laws, racial equality, school

SUMARIO

1 - APRESENTAÇÃO	9
2 – INTRODUÇÃO	10
2.1–CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO E PERFIL DAS FAMÍLIAS:.....	11
2.2 – O CURSO.....	12
2.3 – O EIXO CENTRAL	13
2.4 – PROJETO EM AÇÃO	14
3 – JUSTIFICATIVA.....	16
4 – OBJETIVOS	18
4.1 – GERAL	18
4.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
5 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
6 – METODOLOGIA	21
7 – DESENVOLVIMENTO	23
7.1 – DISCUTINDO E REORIENTANDO O CURRÍCULO.....	24
8 – CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	32
09 – AVALIAÇÃO	33
10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
11 – REFERÊNCIAS.....	35
12 – ANEXOS.....	37

1 - APRESENTAÇÃO

Um curso e a oportunidade de realizar um objetivo: Contribuir para que as Leis 10.639/03 e 11.645/08 sejam efetivamente cumpridas na Escola Municipal César Rodrigues (Nova Lima) e Escola Municipal Pedro Nava (Belo Horizonte). O foco do trabalho foi a escola de Belo Horizonte, mas este trabalho vem alcançando visibilidade e gerando interesse em outras escolas e outra rede de ensino.

O enfoque em Educação e relações étnicorraciais veio a completar uma trajetória de dedicação ao tema. Marlene das Dores do Carmo, membro da Associação Ébano - Movimento de Consciência Negra de Nova Lima pertence também ao grupo Partilhar-Núcleo de Estudos Freinet/M.G e participa de uma gama de ações relacionadas à educação e relações étnicas.

Em 2008, no Encontro Internacional de Educadores Freinet – México, este era o tema de sua oficina, assim também como o foi na palestra realizada em Bebedouros (Direcionada a professores da rede e alunos de pedagogia da Fafibe). Outras ações sucedem, mas o importante é dizer do quanto estas, tem sido mais exitosas, após seu ingresso na pós-graduação.

O projeto de Reorientação Curricular está em processo de implantação na Escola Municipal Pedro Nava-Bh, mas está sendo analisado em Nova Lima, como um instrumento de implementação das referidas leis em toda a rede.

Novos tempos para a educação e novos tempos para uma professora negra que se reafirma em sua autoestima e visualiza para seus alunos a oportunidade de conhecer suas raízes e se apropriar da história da humanidade, em toda a sua completude, acima de qualquer estigma e ou estereótipo.

2 – INTRODUÇÃO

De onde viemos? Qual a origem deste amálgama que se traduz em brasilidade? A melanina que se mostra em nuances não pode ser simples fruto de uma colonização eurocêntrica. A contribuição de vários povos, que o preconceito quer varrer para detrás da cortina da invisibilidade, deve ser levado ao lugar de protagonista da nossa história, da nossa memória.

Onde está a história de heróis negros como Zumbi dos Palmares e sua liderança nata, sua força e toda a importância que lhe é auferida por honra da resistência da qual se fez símbolo? Onde está nas páginas de nosso caderno, a nobreza de Chico Rei e suas estratégias para aquinhoar meios de alforriar seus súditos fiéis? E João Cândido, almirante negro a desbravar o mar de impunidades, a ceifar a chibata das mãos dos que em face da lei, ignorando a lei, esqueceram-se do poder que emana do povo e covardemente se entregavam à tarefa de algozes do próprio povo?

A abordagem é complexa e há muitas dificuldades a se enfrentar quando é esta, a questão. O Brasil ainda se esconde atrás do mito da democracia racial, conquanto a realidade se mostre cruel frente aos não brancos. Há uma confusão ideológica e o que se apresenta é um Brasil que ainda não sabe classificar-se e se perde entre estereótipos e incertezas. Vislumbra-se uma saída justa, na implantação de políticas públicas com o recorte de raça, uma educação que se baseie na igualdade de direitos e a mobilização social em torno da valorização da nossa riqueza cultural e valorização de nossas raízes étnicas.

O Brasil é um país mestiço. Está explícito em nossos costumes, vestuário, festividades... em nossa cultura. Qual a atuação da educação perante este quadro pintado em diversas matizes? Onde estão em nosso currículo as pistas para a identificação com nossas raízes étnicas? Somos brasileiros de traços asiáticos, herdeiros de desbravadores europeus e reis africanos, nossa ancestralidade indígena vemos e vivenciamos em nossa cultura. Onde nos contarão a nossa verdadeira história?

A educação está passando por uma reformulação conceitual e estética. Cabe a todos nós, educadores, a tarefa de participarmos destas ações com criatividade, conhecimento e humanidade. A principal história deve ser contada e versa sobre um povo de origem multicontinental, pluricultural, multirracial.

2.1–CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO E PERFIL DAS FAMÍLIAS:

A Escola Municipal Pedro Nava, se encontra sediada na Rua São Pedro da Aldeia, número 45, no Bairro do Pilar. O bairro está em franco crescimento, sediando pequenas e grandes empresas, uma faculdade e pequenos empreendimentos comerciais.

Grande parte das residências do bairro foi edificada em terrenos invadidos. Há um processo de invasões ainda vigente e em muitos setores do bairro, há precariedade quanto ao saneamento básico, asfaltamento das ruas e estruturas das casas.

A violência segue em escala crescente, assim como os índices de maternidade juvenil, desmembramento das famílias e direitos violados na infância, já havendo relatos de prostituição infantil e incidência de crianças trazendo armas pra escola.

A população brasileira é incontestavelmente afro-brasileira e este fato se evidencia na caracterização dos educandos, que são em sua maioria, negros ou pardos. Chama a atenção também, o grande número de famílias evangélicas.

A Escola Municipal Anexo Pilar teve o início de seu funcionamento no dia 03 de fevereiro de 1992, dando continuidade ao trabalho realizado há 26 anos pela Escola Combinadas Mannesmann Mineração, a qual foi municipalizada em 1992.

A Escola Combinadas Mannesmann Mineração funcionou desde o ano de 1965 (sob o registro nº063, em 09/04/1965, no órgão da Secretaria de Estado da Educação) às margens da rodovia BR 135, Km 444, Bairro Olhos D'água, para atender aos filhos dos funcionários da Mineração Mannesmann.

Funcionou em um prédio de madeira com sete cômodos até meados de 1977, quando houve a ampliação do trevo rodoviário. Com isto a escola foi transferida para o local atual, já com o prédio em alvenaria, funcionou a partir daí em dois turnos com duas salas de aula atendendo alunos de 1ª a 4ª séries.

Em 1991, a Empresa Mannesmann Mineração S.A. comunicou que não manteria a escola, já que seu terminal de mineração havia sido transferido.

Desde então, os moradores do bairro juntamente com a Associação Comunitária começaram a fazer um grande movimento para municipalização da escola junto à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

E em 1992, a escola começou a funcionar com duas salas de aula a mais, num total de 04 salas, funcionando em dois turnos, atendendo a alunos de 1ª a 4ª séries como turmas anexas à Escola Municipal Antônio Aleixo.

Neste mesmo ano, a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte firmou convênio com a MBR (Minerações Brasileiras Reunidas) a qual construiu um novo e atual prédio para funcionamento da escola, atendendo a alunos do pré-escolar à 4ª série.

Hoje, a escola atende a alunos, divididos em três turnos. Atende da Educação infantil à Educação de Jovens e adultos. O turno da tarde terá um contato mais direto com o projeto, visto que a idealizadora leciona na Educação Infantil neste turno.

A escola participa também dos programas “Escola Integrada” e “Segundo Tempo” e coordena também, as atividades da UMEI-Pilar a ela integrada, funcionando nesta, turmas de Educação Infantil.

2.2 – O CURSO

A pós-graduação surgiu na trajetória do autor como uma oportunidade de titulação, ampliação de conhecimentos e aprimoramento da prática, contribuindo assim, para uma melhor formação de seus alunos. A experiência recente em um curso da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestão de Políticas Públicas em

Gênero e raça) e o sucesso através dele obtido dimensionou a sua confiança nesta instituição.

Não foi fácil. Havia muitas novidades: uma nova linguagem para assimilar e utilizar, conhecimentos mais complexos e o convívio com pessoas de áreas diversas e conhecimentos vastos. Um grupo instigante e admirável, cada um deles, expondo experiências riquíssimas com fundamentação teórica consistente; o que elevou o nível das aulas.

Duas frases ecoaram muito forte após as aulas da professora Júnia Sales: “Currículo como arte do encontro” (Tomas Tadeu da Silva) e “Currículo é campo de resistência e oposição”. São frases que aparentemente se contrapõem, mas em análise, se completam. A elaboração de um currículo é um encontro com suas concepções, ideais, dúvidas, certezas, contigo e com o outro. É um momento no qual os sentimentos e ações buscam na resistência, o encontro com a aceitação e a oposição é o laço feito com as próprias convicções e com a luta por direitos que se julga negados.

Em sua totalidade, por sua complexidade, por seu foco; o curso veio a reafirmar a viabilidade e principalmente, a necessidade de realizar-se esta intervenção.

2.3 – O eixo central

O que muito ocorre em relação ao estudo da história e da cultura africana e afro-brasileira, é a abordagem cultural centrada em datas como o treze de maio; ultimamente não muito evocada devido aos questionamentos referentes à forma como se deu a abolição da escravatura e o vinte de novembro; que homenageia Zumbi dos Palmares, sendo esta data, referente ao seu falecimento.

Nestas datas, as escolas realizam apresentações de teatro e dança, convidam representantes dos grupos de capoeira e do movimento negro para palestrarem e ou grupos que se dedicam a apresentações culturais.

O que tem se realizado é o reducionismo da contribuição do povo negro para a nossa sociedade. Muitos professores ainda exemplificam o valor do povo negro citando jogadores de futebol, cantores de samba e ou pagode e artistas; como se a estas habilidades estivessem reduzidas as capacidades deste grupo étnico.

Assim, aponta-se a necessidade de a sala de aula converter-se em um ambiente democrático, no qual se respeite a diversidade cultural e racial de nosso povo, incidindo sobre a restauração da dignidade, reconhecimento da cidadania, respeitando-se a pluralidade cultural e demais especificidades destes. Que a reformulação educacional se dê e neste processo de reestruturação curricular, a formação docente, a integração com a comunidade, as orientações metodológicas, as atividades pedagógicas e o acolhimento aos alunos sejam embasados na superação do racismo, no respeito, no desmembramento de estigmas e estereótipos e na restauração da verdade acerca de nossas raízes étnicorraciais.

2.4 – Projeto em ação

A ação se situa no âmbito curricular e apresenta-se relevante perante a revisão da proposta pedagógica da Escola Municipal Pedro Nava, vindo ao encontro ao desejo de tantos e configurando-se como uma necessidade iminente. Há mais de oito anos esta proposta não passa por uma revisão, não refletindo em nada, a realidade da instituição.

Embora a equipe escolar seja comprometida com o ensino acerca da História e cultura africana e afro brasileira, há uma limitação ao campo cultural e pouco se tem avançado em relação à ampliação deste foco. No que se refere aos indígenas, quando mencionados e ou estudados, o enfoque se restringe às comemorações do dia 19 de abril e às produções literárias que remetem a estes, com um destaque especial para as lendas.

A equipe pedagógica da escola se apropriou do projeto, pois viu neste uma oportunidade de cumprimento da lei e aprimoramento do ensino. As atividades foram desenvolvidas em parceria e o apoio da equipe pedagógica (direção, vice-direção e

coordenação) foi preponderante no que se refere à aceitação e envolvimento dos professores.

No desenvolvimento das ações, pode-se observar que não há uma conclusão efetiva, a se relatar. Foram feitas algumas reuniões com o grupo de professores da escola através da reunião pedagógica, com a coordenação e direção. O processo de inserção da temática está em andamento, com previsão de aplicação efetiva, no segundo semestre do ano de 2012.

3 – JUSTIFICATIVA

Faz-se necessário, uma abordagem mais abrangente e realista da nossa história, para esclarecer equívocos, realçar e desenvolver o respeito à diversidade de nossas raízes étnicas. Tratar da diversidade cultural, reconhecendo-a e valorizando-a e da superação das discriminações é atuar sobre um dos mecanismos de exclusão; tarefa necessária, ainda que insuficiente, para caminhar na direção de uma sociedade plenamente democrática. O Brasil vive o preconceito ao negar sua diversidade cultural. O brasileiro é de descendência africana, indígena, europeia, e vários outros povos. Formamos a maior diversidade cultural e racial do mundo.

A sociedade e como componente desta, a escola, defendem a ideia de que temos uma cultura uniforme ao contrário de valorizar a variedade cultural brasileira. O Brasil representa uma esperança de superação de fronteiras e de construção da relação de confiança na humanidade devido a sua constituição histórica no campo cultural e étnico e não incluir toda esta riqueza em nosso currículo é como renegar anos de nossa própria história, é tentar invisibilizar o que carregamos em nossa pele, está impresso em nossos costumes e é latente em nossa linguagem.

A defesa engloba a inclusão desta temática de forma interdisciplinar. Nosso currículo é estranho a nós mesmos e ao mesmo tempo, é tão familiar por trazer nele inserido, a cultura eurocentrista na qual viemos de forma secular, sendo educados e educando. Confundimos-nos quanto ao que mudar para nos adequarmos a uma realidade que não mais aceita o nosso silenciamento e criamos o dia do índio, festival cultural, dia da consciência negra, etc. e acreditamos que assim estamos dando a nossos alunos uma ampla visão de mundo e contribuindo de forma pontual, para a promoção da igualdade etnicorracial.

A prioridade é ensinar a ler e escrever, mas esquece-se de que para alcançarem a meta, devemos apresentar a eles, temas de interesse e nossas crianças cresceram num mundo diferente do nosso. Elas querem mais, sabem mais e pedem mais. Temos que parar e ouvi-los. A visão deles é mais ampla. Estão no mundo dos games japoneses, tênis americanos, cantores ingleses, música espanhola, ritmo africano e sotaque brasileiro. Querem o mundo e não se adaptam à

possibilidade única, que a escola lhe oferece. A escola os está aprisionando e ou expulsando. Temos que nos adaptar e ampliar nossos horizontes ou estaremos presos a uma instituição obsoleta e substituível pela televisão, computadores, games e livros. Revermos a constituição de nosso currículo é questão de sobrevivência.

É o currículo como campo de resistência ao retrógrado em oposição a tudo aquilo que oprime, discrimina e inferioriza. É a dimensão do humano, pedagógico e do justo atuando no campo educacional e levando-nos à certeza de que ainda vale a pena ser educador.

4 – OBJETIVOS

4.1 – GERAL

O objetivo geral deste trabalho é apresentar subsídios para que o professor aborde ano a ano da educação básica, de forma interdisciplinar, o estudo da cultura africana e afro brasileira, cumprindo assim, o determinado pelas Leis 10.639/03 e 11.645/ 08, apoiados ainda, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

4.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Incorporar os conteúdos previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana e História e o estudo da Cultura Indígena ao projeto político pedagógico da escola;

- Realizar o estudo e o ensino da história e cultura africana, afro brasileira e indígena de maneira interdisciplinar, tendo como instrumento norteador o Projeto político pedagógico da escola;

- Promover a valorização e o reconhecimento da diversidade étnico-racial na escola a partir do enfrentamento estratégico de culturas e práticas discriminatórias e racistas institucionalizadas, presentes no cotidiano desta;

- Resgatar a verdadeira história de luta e busca por direitos de africanos e indígenas e suas contribuições para a formação da identidade brasileira assim como as suas contribuições no território brasileiro em termos culturais, demográficos e econômicos.

5 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Jurjo, referenciado por Tomaz Tadeu Silva em seu livro, nos leva a uma análise do currículo, iniciando esta abordagem, sondando o que chamamos de “missão da escola”. Esta introdução nos leva a uma reflexão interessante: Tendo a escola como missão a formação de cidadãos críticos, ativos e solidários; como pode apresentar a estes, um currículo omissivo, que limita e cerceia?

O que se vê é uma visão limitada do mundo, muitas vezes sem qualquer significado para o aluno. São muitas teorias, muito conteúdo onde não se pode e muitas vezes não se consegue sair do tradicional. São vezes há tanto tempo podadas, conhecedoras de uma história unilateral, guiadas por livros didáticos que tanto propagaram uma cultura hegemônica cuja presença forte e arrasadora no currículo, a muito, sufocando outras culturas, as quais são apresentadas de forma estereotipada e deformada.

Jurjo chama a atenção para estas culturas, para a forma como são negadas e silenciadas em nosso currículo e para a necessidade de resgatá-las daquele caráter reducionista no qual foram encerradas.

O autor, também menciona o despreparo do professor para lidar com estas questões, mas vislumbram-se possibilidades de mudança. Temos que nos abrir a elas e esta abertura, com certeza não está nos “dias de...”, não está nos “projétilhos” e nem tão pouco na limitação deste estudo às aulas de arte e música.

No texto “Dicionário Crítico da Educação” de Lucíola Paixão Santos e Marlucy Alves Paraíso; as autoras conceituam currículo:

Do ponto de vista etimológico, o termo currículo é derivado da expressão latina curriculum, significando “pista ou circuito atlético”. Essa palavra tinha também outros significados, incluindo “ordem como sequência” e “ordem como estrutura”.

Ao explorar o texto, pode-se constatar que definir currículo, vai além da etimologia e de qualquer explicação simplista da qual se pode vir a buscar. O currículo tem uma trajetória histórica, vem sofrendo influências das mais diversas e traz em si a marca da evolução de um povo, assim como também, de seus retrocessos.

Não é fácil criar um currículo e muito menos ainda o é; quebrar com antigos paradigmas e pré-conceitos. Concebê-lo hoje, é lidar com uma nova visão de mundo, conquanto concorre com uma tendência tradicionalista e muitas vezes, com a resistência de seus agentes. Com a política do multiculturalismo e com a grande ênfase dada aos aspectos culturais da escolarização, visualiza-se um avanço em suas reflexões e pode observar-se uma maior abertura para a introdução de novos elementos. Entretanto percebe-se ainda, que o currículo escolar não reflete a vida, as necessidades e anseios de uma significativa parcela de seus educandos, demonstrando assim, o descompasso e a inadequação do currículo atual da escola.

(...) O currículo da escola está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem dominante, ele é transmitido através do código cultural dominante. As crianças das classes dominantes podem facilmente compreender esse código, pois durante toda a sua vida elas estiveram imersas, o tempo todo, nesse código. (...) Em contraste, para as crianças e jovens das classes dominadas, esse código é simplesmente indecifrável. (SILVA, 2003, p.35)

A sanção da Lei 10.639 em 2003, seguida de revisão em 2008, através da Lei 11.645, medidas de ação afirmativa que tornam obrigatória a inclusão do ensino da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena, nos currículos dos estabelecimentos de ensino públicos e particulares da educação básica vem como um importante passo para a construção de uma educação antirracista. Porém, introduzir esta temática no currículo real é lidar com a resistência de muitos agentes da educação que veem esta temática com desconfiança e reagem a ela considerando-a uma imposição do Estado e ou um racismo às avessas.

Visualizar o currículo como “arte do encontro” é ceder-lhe a abrangência que lhe é devida, permitindo o cumprimento das Leis 10.639/03 e 11.645/08 e do 1º parágrafo do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e bases do Ensino Nacional, que diz: “que o ensino da História do Brasil deverá incluir os diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política”.

6 – METODOLOGIA

A proposta de reorientação curricular foi apresentada à direção da Escola Municipal Pedro Nava, logo no início do curso de pós-graduação, no início do mês de maio em 2011. Desde a minha admissão na escola, já podia observar o interesse que os As gestores anteriores manifestavam pelo tema e já vinham realizando atividades relativas ao estudo da história e cultura africana e afro brasileira, geralmente no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. A equipe da educação infantil era mais pontual e realizava este estudo por todo o ano, como parte do projeto “Identidade”.

A direção e coordenação do turno da tarde fizeram-se parceiras no desenvolvimento dos trabalhos e a sensibilização ao tema, iniciou-se com a escola assumindo como projeto institucional, a cultura e a história africana e afro-brasileira.

A autora, junto a duas outras professoras participantes do curso integrante do projeto “A cor da cultura”, ministrou uma oficina direcionada ao corpo docente. Foi um momento divertido, que incluiu a parte teórica, exposição de material e contação de história.

A direção da escola também proporcionou ao docente, um momento de formação com a professora Rosa Margarida de Carvalho Rocha, que enriqueceu ainda mais o processo.

Ao se instituir as reuniões pedagógicas remuneradas, houve uma abertura da antiga e da atual direção da escola para que nestes encontros se debatesse o tema e se procurasse meios para que a lei 10.639/03 modificada pela Lei 11.645/08 fosse cumprida de forma ampla. Assim, este foi o recurso para apresentação da proposta de trabalho à equipe docente. A apresentação se deu com a distribuição e debate de um texto referente ao tema e distribuição de um questionário.

O questionário foi respondido por poucos, mesmo sendo-lhes dito que seus nomes não seriam divulgados, mas com alguma resistência, o grupo docente se abriu à causa e gradativamente, apresentam-nos seu interesse e empenho.

A inclusão desta temática no currículo tem acontecido durante as reuniões das coordenadoras com os grupos de professores, divididos por ano/ciclo. A proposta é que se inicie o trabalho a partir dos conteúdos sugeridos pelo autor do

projeto, no segundo semestre do ano letivo, realizando-se uma avaliação dos resultados no início de 2013, para consecutivamente assimilar a este, outros conteúdos propostos.

7 – DESENVOLVIMENTO

Ao incluir na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional os artigos 26-A e 79-B, a lei em menção oferece um importante direcionamento para este trabalho, ao citar ações de interdisciplinaridade. A formação de professores, através do quase extinto curso de Magistério e ou através da graduação no curso Normal Superior, não oferece subsídios para que o educador faça de forma assertiva, esta abordagem. Muitos cursos surgiram com o objetivo de capacitá-los, entretanto, há de se confrontar também com a cultura do racismo e ou da negação deste.

Com a homologação da Lei 10.639/03 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, novamente alterada em 10 de março de 2008, pela Lei 11.645/08, as diretrizes e bases da educação nacional passaram a incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e indígena", sendo este um marco para o resgate da identidade do povo brasileiro oferecendo-lhes uma abordagem mais abrangente e realista da nossa história, para que se esclareçam equívocos, realçando e desenvolvendo o respeito à diversidade de nossas raízes étnicas.

Ainda não é reconhecido por muitos, o valor destas ações na restauração da memória nacional; na elevação da autoestima de crianças afrodescendentes que sentem o dolo na pele, influenciando diretamente o desenvolvimento de suas potencialidades, na restauração da dignidade e instauração dos direitos historicamente violados dos africanos e indígenas.

É preciso reconhecer a dívida que temos com a população que foi por nossos compatriotas sequestrados, espoliados e desvirtuados de sua cultura mater. Todos somos responsáveis.

Tratar da diversidade cultural, reconhecendo-a e valorizando-a e da superação das discriminações é atuar sobre um dos mecanismos de exclusão escolar: nosso currículo. A tarefa é necessária, para caminharmos na direção de

uma sociedade plenamente democrática e de um ambiente escolar que respeite e reconheça a diversidade de nosso povo.

O Brasil vive o preconceito ao negar sua diversidade cultural, sendo este percebido quando a sociedade, os meios de comunicação e mesmo a escola defendem a ideia de que temos uma cultura uniforme, ao contrário de valorizar a variedade cultural brasileira. O Brasil representa uma esperança de superação de fronteiras e de construção da relação de confiança na humanidade devido a sua constituição histórica no campo cultural e étnico.

7.1 – DISCUTINDO E REORIENTANDO O CURRÍCULO

A escola já realizava uma abordagem significativa do tema, assumindo-o como projeto institucional no ano de 2011 e oferecendo aos seus docentes cursos de formação para que ampliem seus conhecimentos e modifiquem a sua prática. Entretanto, o que se via era que estas ações se concentravam no campo cultural e em nossas reuniões, os depoimentos de muitos professores comprovaram o seu desconhecimento das leis e a incidência de práticas racistas que foram amplamente discutidas e revisadas durante os momentos de formação.

A participação de professores da escola nos cursos do projeto “A cor da cultura” e o compartilhamento do que foi neste aprendido, concomitante à apresentação do material por este disponibilizado foi de suma importância ao desenvolvimento deste projeto.

A auxiliar de biblioteca contribuiu com uma exposição, onde se evidenciaram os livros do kit e vários outros destinados à formação e orientação do trabalho do professor.

Os professores, durante os encontros com a coordenação foram se inteirando dos conteúdos propostos, para que os distribuíssem pelos anos/ciclos, segundo as capacidades/habilidades desenvolvidas a cada período.

CONTEÚDOS E ATIVIDADES PROPOSTAS

HISTÓRIA

Ocupação do espaço brasileiro:

- Grupos étnicos responsáveis pela formação do nosso povo: Asiáticos, Brancos, Negros e indígenas – Explorar aspectos da população nativa (Quantos e quem eram), a chegada dos europeus (portugueses, espanhóis e franceses), Os imigrantes e sua dispersão pelo país (Alemães no sul, italianos e japoneses em São Paulo, etc.).
- Escravização indígena e negra – A questão territorial durante o período colonial - A invasão das terras indígenas. Qual o destino dos negros
- A relação dos índios com a natureza pós-abolição? – O surgimento dos guetos.
- A escassez e a guerra por água em alguns países da África. O processo de desertificação de áreas no nordeste brasileiro e Saara – O grande deserto africano. Como vivem os habitantes destas regiões?
- As tribos indígenas do Brasil – Localização, suas línguas e costumes.

Grupos sociais:

- A família em diversas culturas: A poligamia legalizada em alguns países africanos, a criação dos filhos pelos indígenas (as tribos nas quais todos são responsáveis pela educação das crianças, o infanticídio que envolve o nascimento de gêmeos e crianças com deficiências físicas), as mulheres responsáveis pela manutenção de seus lares.
- construção da árvore genealógica como valorização da ancestralidade – qual a sua origem?
- O modo de vida de cada grupo social. Focar a discussão nos costumes de uma diversidade de grupos étnicos: vestimentas, alimentos, música, dança, brincadeiras etc.

Patrimônio histórico e cultural:

- Reconhecer no patrimônio histórico, vestígios da contribuição africana e afro-brasileira (museus, igrejas e monumentos).
- Influência indígena e africana em nossa arte (dança, música, festividades, artesanato, culinária, etc.).

Resistência:

- As lutas, a resistência da população negra e indígena para superar as discriminações raciais no passado e nos dias atuais: as revoltas (Canudos, Revolta da Chibata, dos malês, etc.); a ação dos movimentos sociais; grandes líderes da resistência indígena, africana e afro brasileira; a resistência através da manutenção dos ritos (religiosidade), preservação da cultura e da língua.
- Os quilombos, seus remanescentes e a luta pela posse da terra.
- A luta indígena pela demarcação e proteção de seu território.

Atualidade:

- O negro na atualidade (Participação política, social econômica).
- Os grandes líderes da atualidade e suas biografias (Nelson Mandela, Martin Luther King, Barack Obama, Kofi Annan).
- O negro na mídia e a invisibilidade da população indígena

Legislação:

- A legislação brasileira e sua contribuição no combate ao racismo
- O estatuto da igualdade racial
- As leis que gerem o direito sobre a terra.
- As Leis 10.639/03 e 11.645/08: Sua importância para a restituição da dignidade a indígenas e afro-brasileiros; a restauração do direito dos brasileiros de conhecer as suas raízes étnicas; a apresentação do continente africano como berço da humanidade, patrimônio mundial.

História africana:

- Império egípcio (sistema político, relação governo e religiosidade, a origem da escrita, as pirâmides...).
- Colonização europeia na África
- As nações africanas na atualidade e anterior aos descobrimentos (ver referência bibliográfica).

O principal problema encontrado no processo de ensino e aprendizado da história africana não é relativo à história e à sua complexidade, mas é com relação aos preconceitos adquiridos num processo de informação desinformada sobre a África. Essas informações são de caráter racista, produtoras de um imaginário pobre e preconceituoso, brutalmente erradas, extremamente alienantes e fortemente restritivas. Seu efeito é tão forte, que as pessoas quando colocadas em frente a uma nova informação sobre a África, tem dificuldades em articular novos raciocínios sobre a história deste continente, sobretudo de imaginar diferente do raciocínio habitual.

Negros e Currículo – Núcleo de Estudos Negros – NEN

GEOGRAFIA

Cartografia:

- Estudos de comparação Brasil/África – Relevo e tipo de vegetação
- Localização geográfica do continente e dos países africanos – utilizar o globo terrestre (para localizar o Brasil, a África – dimensionar território e desfazer equívocos – Brasil/país e África/continente).
- Identificação e localização dos países africanos falantes da língua portuguesa e daqueles dos quais vieram os negros escravizados para o Brasil (utilizar mapa político da África).
- Estrutura e localização dos maiores quilombos do Brasil e comunidades remanescentes quilombolas.
- As grandes navegações e sua implicância na expansão territorial na África.

Tecnologia:

- Os conhecimentos tecnológicos africanos para os grandes avanços na atualidade (sistema de irrigação, arquitetura, mineralogia...),

Estrutura organizacional:

- Conceituar etnocentrismo em oposição à cidadania.
- Sistemas de governo dos países africanos.
- Civilização egípcia – no tempo dos faraós.

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação e não poder. O currículo é trajetória, viagem percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: No currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.
Tomaz Tadeu, 2007, pag.150

CIÊNCIAS:

Avanços científicos:

- Os avanços no campo da medicina, no Egito, a partir do processo de mumificação de corpos.
- O domínio de técnicas de extração mineral dominada pelos negros.

Saúde:

- O estudo acerca da doença falciforme – O que é; profilaxia e sua evolução no Brasil e as novas descobertas da ciência para o seu tratamento.
- A melanina e sua importância na proteção da pele e caracterização dos grupos étnicos,
- Os indígenas, o uso medicinal das plantas e terapias alternativas.

Ecologia:

- A relação dos índios com a natureza – convivência pacífica e preservação (ver tribos indígenas na atualidade e a exploração de bens naturais para sobrevivência das tribos).
- A escassez e guerra por água em alguns países da África. Processo de desertificação de áreas brasileiras e os desertos da África.
- A fauna africana - pesquisar e classificar, comparando com a fauna local.

A escola brasileira ignora tanto a África quanto os afrodescendentes. A sociedade brasileira quando não os ignora, os olha com suspeita. Depois de passar toda a infância invisível nos livros escolares, ao entrar na adolescência esses jovens se tornam suspeitos em potencial. Se não mudarmos juntos esta história, dificilmente esses jovens participarão da construção da própria cidadania.
Oswaldo Faustino, "Reflexões diante de um espelho", Novembro de 2007.

LÍNGUA PORTUGUESA

Literatura:

- Contos africanos e lendas indígenas
- Mitologia indígena e africana – Sugestão: Relacionar com metodologia grega.
- Literatura africana, afro-brasileira e indígena

Linguagem:

- a influência indígena e africana em nosso vocabulário (montar glossário e ou dicionário com estas palavras)
- O surgimento da escrita - estudo dos hieróglifos - trabalhar com carta enigmática e construção de dicionário.
- Valorização da transmissão oral de conhecimentos.

Pouco ou nada se falou sobre a África para os jovens de hoje, afrodescendentes ou não. Para muitos a África anda é um mistério ou, pior ainda, quando aparece nos noticiários, é como palco de terríveis guerras civis e epidemias. Mas a África é bem mais do que isso. Na verdade, não existe apenas uma África, mas incontáveis, ricas em histórias e tradições.
BRAZ, Júlio Emílio – Lendas negras.

MATEMÁTICA

- Contando com o povo egípcio – Operações matemáticas, utilizando os números egípcios.
- A geometria presente nas pirâmides – Reproduzir por meio de desenhos e maquetes
- A simetria e as cores presentes na arte africana e indígena
- O uso da matemática nas antigas civilizações africanas – o surgimento do número – Os cálculos necessários à construção das pirâmides e grandes

monumentos; a produção de calendários, baseados em cálculos astronômicos.

- Jogos matemáticos africanos (Pesquisar o jogo “Shisima” do Quênia), Mancala e Yoté.
- Construir procedimentos para organizar, representar e interpretar dados por meio de tabelas e gráficos estatísticos (exemplo: Quantidade de negros escravizados na África – Estimativa de quantos morriam durante a viagem; países africanos que adotam o português como língua oficial e os que adotam o inglês e ou francês; analisar dados do IBGE/censo – população brasileira – qual a porcentagem de negros, índios e brancos?).
- Estudar escala por meio da construção do mapa do continente africano, mapa do Brasil e ou dos países falantes da língua portuguesa.

No atual país do Quênia, em 1973, foram encontrados, ao lado do lago Turkana, os restos de um observatório astronômico, o que evidencia e atesta a complexidade de desenvolvimento cultural pré-histórico na África subsaariana. Também um sistema de calendário complexo e preciso, baseado nos cálculos astronômicos, foi desenvolvido por estes povos até o primeiro milênio a.C.
Souza e Motta (2003, p.40).

ARTES

- A influência indígena e africana na nossa música dança (hip-hop, rap, samba, funk, blues, afoxé – pesquisar festa de Parintins).
- Instrumentos musicais africanos, afro-brasileiros e indígenas.
- O folclore e as festas populares no Brasil e sua relação com a cultura africana e indígena.
- Conhecendo a história do samba – Surgimento, as influências, os grandes compositores brasileiros.
- A arte da pintura facial e as máscaras africanas (significado e relação com o cerimonial religioso).
- A arte de pentear-se: Tranças, birotos e coques, vestuário (a estamparia africana – ver livro Ao sul da África),

- Cerâmica e a escultura indígena e africana (cores, linhas e formas).

Quem não se vê não se reconhece. Quem não se reconhece não se identifica. Quem não se identifica, não se ama, tem baixa autoestima e se desinteressa por tudo o que representa a Educação formal.

Texto: Oswaldo Faustino, "Reflexões diante de um espelho sem reflexão".

As atividades não ficaram restritas à E. M. Pedro Nava. A escola Municipal César Rodrigues, em Nova Lima, se interessou pelo projeto e já se prepara para utilizá-lo como referência para organização de suas atividades, também no segundo semestre do ano letivo de 2012. Os colegas de turma também se interessaram pelo projeto e assim, muitos o levaram para ser utilizado em suas escolas. A Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de Nova Lima, também se interessou pelo projeto e o tornou parte integrante de uma proposta de reorganização curricular, destinada à Secretaria de Educação desta cidade.

8 – CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

QUANDO	TEMPO	ATIVIDADE DESENVOLVIDA	OBSERVAÇÕES
Ano de 2011	05/11 a 12/11	Desenvolvimento do Projeto Institucional	As ações estiveram bem restritas à literatura e produções culturais
1ª Reunião pedagógica	3 horas	Formação acerca do curso relacionado ao projeto “A cor da cultura”	Foi desenvolvido por três professores da escola, sendo um deles, a autora deste projeto.
2ª Reunião pedagógica	3 horas	Palestra com a professora Rosa Margarida	Motivou e referendou a necessidade de uma reorganização curricular
3ª Reunião pedagógica	2 horas	Apresentação da proposta de reorganização curricular e distribuição dos questionários	Houve uma significativa resistência ao questionário, mas o projeto foi bem aceito.
Horário de projeto	1 hora	Reuniões de grupos de professores com a coordenação para debaterem o tema e organizarem os conteúdos a serem ministrados no 2º semestre de 2012.	Ainda não se chegou a um documento final.
Reunião pedagógica	3 horas	Reunião com o coletivo escolar (direção, coordenação e professores), para entrega a do documento final.	Data prevista para agosto de 2012

09 – Avaliação

Como documento de avaliação, solicitei que respondessem a um questionário. Esta ideia não foi bem aceita por alguns professores e optou-se por responderem oralmente a estas perguntas, durante o nosso debate, em grupos. Concluiu-se ser necessário este trabalho, mas ouvimos relatos que explicitam a resistência de alguns.

Na verdade, o principal motivador é a ideia de se consagrar como precursor da introdução deste tema no currículo.

De Nova Lima, veio um relato da coordenadoria, avaliando a ação. Este relato encontra-se em anexo.

Segue abaixo, modelo do questionário:

QUESTIONÁRIO

01 – Você sabia que desde 2003, a escola é obrigada por lei, a estudar a história e a cultura africana e afro brasileira?

02 – Você julga este estudo como necessário?

Por quê?

03 – Você se declara pertencente a qual raça e ou etnia?

04 – Você se considera uma pessoa preconceituosa?

05 – Você já foi discriminado e ou conhece a história de alguma pessoa da família que passou por esta situação?

Caso a resposta seja sim, relate-nos o fato.

06 – O que você sugere à escola para se combater a discriminação?

10 – Considerações finais

Da concepção até o seu desenvolvimento, este projeto que permeia o campo acadêmico/escolar vem sendo circundado por elementos emocionais muito fortes. Nas reuniões, muitos relatos de discriminação e preconceito vividos, se contrapõem à fala de professores que negavam a existência do racismo no espaço escolar; referenciando o mito da democracia racial.

O processo de sensibilização do grupo não foi fácil e sabe-se que outras tantas ações são necessárias ao sucesso das atividades as quais o grupo se propõe. É necessário que os docentes se apropriem do tema. Estamos adentrando um terreno sensível e romper com laços seculares, não se traduz em tarefa fácil.

É possível o currículo quebrar esta cultura eurocêntrica que historicamente se instala no meio educacional? Podemos extinguir estigmas, preconceitos e desfazer estereótipos, através deste processo de reformulação de ações e conteúdos? Qual a dimensão alcançada por nossas ações de reorientação curricular? A revisão dos conteúdos curriculares deve vir acompanhada de uma mudança de posturas e lógicas, conhecimento e valorização da nossa diversidade cultural e neste processo, muitas perguntas ainda estão sem respostas.

No contexto escolar, vislumbramos um tempo de novos valores, um espaço de democracia e identificação positiva; por e para todos. Esta nova visão incide sobre uma revisão didática, aquisição de novos conhecimentos e a superação de valores preconceituosos que se contrapõem à noção ambígua de igualdade de direitos e oportunidades que ainda povoa o imaginário racista brasileiro.

O currículo que se auspicia com estas ações tem um enfoque pluricultural, multirracial e humanista. Sabe-se que há muito que estudar revisar, adequar; mas também há que se reconhecer a importância deste primeiro passo.

Resistência forte de alguns, entusiasmo de outros, desconfianças e certezas. O início pensado para fevereiro foi para agosto. A ansiedade também oprime. Professores aguardam, sugerem, alguns já até realizam o que pretendem ver na Proposta Pedagógica. São posturas... Ainda há muito que debater, muito a aprender. Uma coisa é certa: A história está mudando e fazemos parte dela.

11 – Referências

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei 9.393, de 20 de dezembro de 1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, modificada pela Lei nº 10.639/2003 de 9 de janeiro de 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da, **Alienígenas na sala de aula**. Ed. Vozes, 1995 –

SANTOS, Lucíola Licínio Paixão; PARAÍSO, Marlucy Alves, **Presença Pedagógica**. V.2 n.7 jan/fev. 1996

CORAZZA, S. **Diferença Pura de um pós- currículo**. In: Lopes, A. e Macedo, E. (Orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 103-114

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, N. L. e Silva, **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. P.G. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

GOMES, Nilma. **A questão racial na escola: desafios colocados na escola pela implementação da Lei 10.639/03**. In: Moreira, Antônio, C. Dau, Vera. **Multiculturalismo, diferenças e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008

MATOS, Maria Zilá Teixeira de. **Bonecas negras- Cadê?: O negro no currículo escolar / sugestões práticas** / Mazza Edições, 2004.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da África: anterior aos descobrimentos**. 6. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: Histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009

SOUZA, I. S. de; MOTTA, F. P. de Carvalho. **Discutindo sobre a diversidade étnica e cultural nas práticas pedagógicas**. In FONSECA, Dagoberto José. (Org.). **Fundamentos sociológicos e antropológicos da educação**. São Paulo: Programa Pedagogia Cidadã da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Prograd/Unesp), 2003, p. 40. (Coleção Cadernos de Formação).

BRASIL.Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: – Volume 10 – páginas 19 a 27**

SOUZA, Rosana de. **Orientações curriculares – Expectativas de Aprendizagem para e Educação Étnicorracial** – Editora, CTP, impressão e acabamento / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

HEILBORN, MARIA LUIZA; BARRETO, ANDRÉIA; ARAÚJO, ANDREIA. (Orgs). **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça/GPP-GeR**. - Rio de Janeiro: CEPESC: Brasília: Secretaria de Políticas para as mulheres, 2010.

QUENTIN, Laurence. **Ao sul da África: Na África do Sul, os ndebeles. No Zimbábue, os xonas. Em Botsuana, os bosquímanos**/Laurence Quentin; tradução Rosa Freire d’Aguiar; ilustrações Catherine Reisser. – São Paulo: Companhia das letrinhas,2008.

12 – Anexos

ANEXO – 01

MENSAGEM UTILIZADA NA APRESENTAÇÃO DO PROJETO NA E. M. PEDRO NAVA:

CAMINHOS DE ALTA FIESTA

Adão e Eva eram negros?

Na África começou a viagem humana pelo mundo. Dalí saíram nossos avós para a conquista do planeta. Os diversos caminhos fundaram os diversos destinos e o sol se ocupou da divisão das cores.

Agora as mulheres e homens, arco-íris da terra, temos mais cores que o arco-íris do céu; porém somos todos africanos emigrados. Até os brancos, branquíssimos vêm da África.

Talvez nos negamos a recordar nossa origem comum por que o racismo produz amnésia, ou porque nos parece impossível crer que naqueles tempos remotos o mundo inteiro era nosso reino, imenso mapa sem fronteiras e nossas pernas eram o único passaporte exigido.

GALEANO, Eduardo. **Espejos – una historia casi universal.**

Buenos Aires: Siglo XXI, 2008

Marlene;

Abordar temas relacionados à cultura afro-brasileira e indígena se faz necessários em qualquer modalidade de ensino, não somente porque a lei exige, mas sim porque hoje é difícil pensar em escola sem levar em consideração a sua heterogeneidade.

Já que abordar esta temática é tão necessário, porque não iniciar pela educação infantil? Sabemos que hoje em dia há uma gama de leituras, voltadas para o público infantil que contemplam aspectos inerentes a esta temática, de forma lúdica, com uma linguagem apropriada, perpassando pela fantasia, mas sem fugir do seu objetivo.

Além da literatura, as oficinas de artes podem trazer informações importantes destacando a música, a culinária e produções artísticas que nos remete como essa miscigenação não acontece somente na mistura de raças, mas sim nas palavras, no vestuário, nas manifestações artísticas e que muitas vezes não percebemos como elementos de outras culturas se misturam às nossas.

Portanto, tratar de temas relacionados à cultura afro-brasileira na educação infantil envolve inúmeras possibilidades de trabalho sem parecer descontextualizado ou de difícil entendimento. Fazer com que as crianças conheçam mais sobre este tema é propiciar a elas um resgate de sua própria cultura e de seus familiares, é fazer com que elas percebam que elementos de outras culturas também nos ajudam a construir a nossa.

Assim, a literatura e as artes, funcionam como poderosos suportes na abordagem desta temática propiciando um conhecimento profundo, mas ao mesmo tempo significativo e interessante.

Professora Jane
Educadora infantil – E. M. Pedro Nava



Prefeitura de Nova Lima – MG

Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

Depoimento acerca do Projeto Estudo da História e Cultura Africana, Afro brasileira e Indígena nas Escolas de Nova Lima

O Projeto Estudo da História e Cultura Africana, Afro brasileira e Indígena nas Escolas de Nova Lima, de autoria da professora Marlene do Carmo foi apresentado à Coordenadoria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial e trouxe uma contribuição relevante no tocante à nossa responsabilidade quanto à discussão e implementação das leis 10639/2003 e 11645/2008 nas escolas da cidade.

Como educadora, e no momento, exercendo na referida Coordenadoria a função de Assessora Técnica para a educação das relações etnicorraciais, vejo, no Projeto da professora Marlene, uma possibilidade de abrir espaços para práticas pedagógicas que mostrem o mundo além do imaginário europeu, corrigindo equívocos históricos que reforçam preconceitos na Educação pela generalizada falta de informação sobre a questão racial e sobre o que é discriminação.

Posso dizer que, o maior desafio nas escolas de Nova Lima, após nove anos de aprovação da lei 10639/2003, ainda é o de coloca a inclusão da temática em prática de maneira eficaz e adequada nas situações cotidianas da vida escolar dos alunos novalimenses.

Nesse sentido, esse projeto é de importância relevante para o avanço na implementação dessa lei, uma vez que aborda os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira, bem como a indígena, perpassando o âmbito de todo o currículo escolar, com conteúdo programático das diferentes disciplinas, atendendo ao nosso propósito de subsidiar os nossos professores da educação básica na abordagem, de forma interdisciplinar, favorecendo a Educação das relações etnicorraciais de forma efetiva em nossas escolas.

Ana Lúcia da Silva

Coordenadoria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial

Mônica Jacinto Reis

Assessora Técnica para a Educação das Relações Etnicorraciais